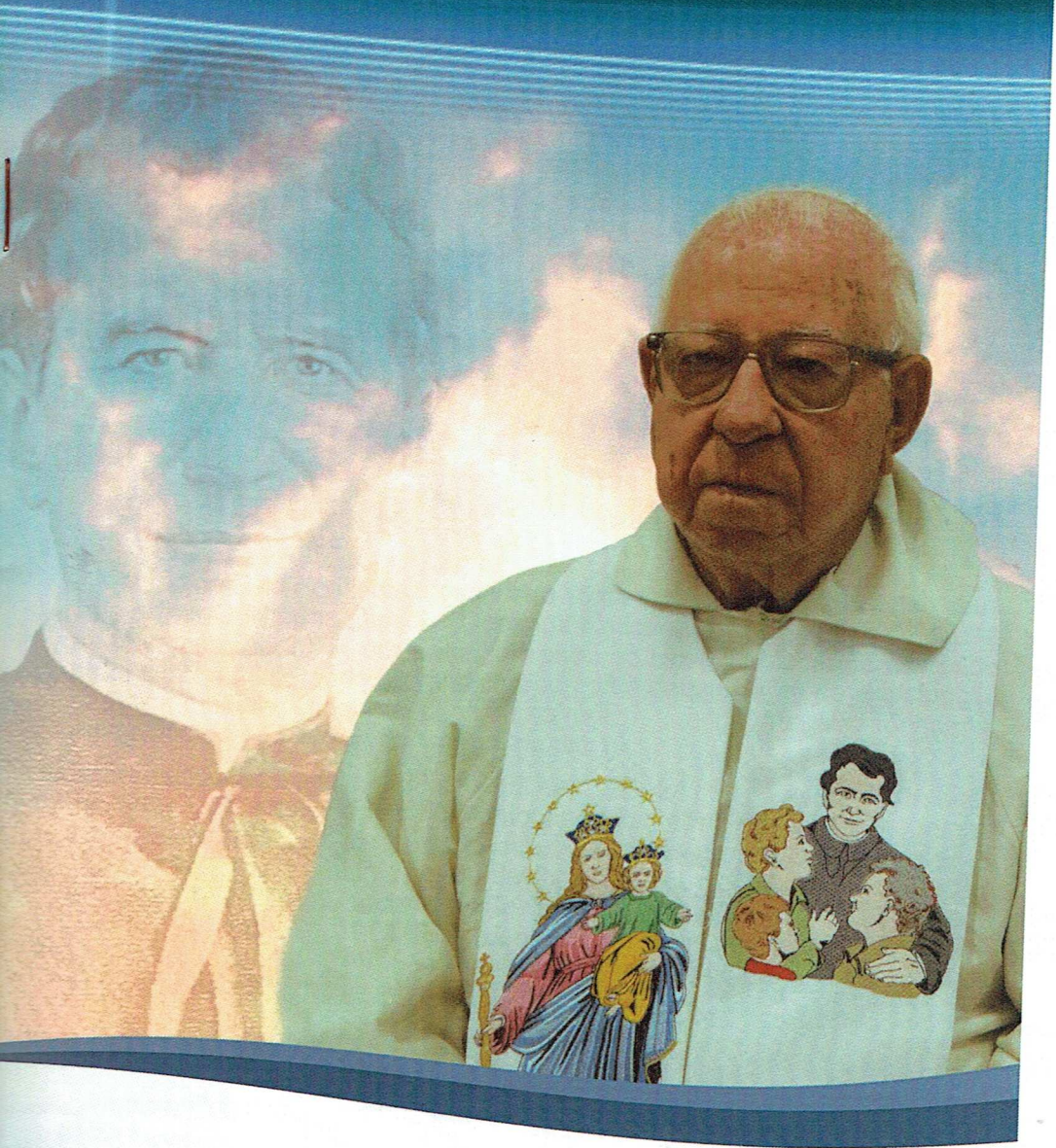


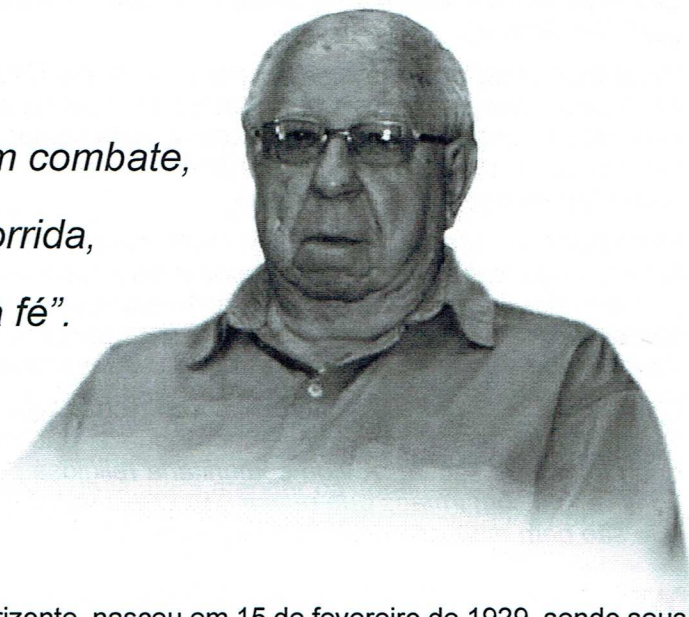
Pe. Arthur Roscoe Daniel, SDB



“Combati o bom combate,  
terminei a corrida, conservei a fé”.  
(2 Tm 4, 7)

*“Combati o bom combate,  
terminei a corrida,  
conservei a fé”.*

*(2 Tm 4, 7)*



**N**atural de Belo Horizonte, nasceu em 15 de fevereiro de 1929, sendo seus pais Arthur Guilherme Daniel e Georgina Roscoe Daniel. Faleceu no dia 18 de novembro de 2017, em Belo Horizonte, no Hospital Madre Teresa onde se encontrava internado. O médico deu como causa da morte a disfunção orgânica múltipla, choque séptico-hemorragico, doença arterial coronariana. Foi sepultado no **Parque da Colina**, no dia 19.

Pe. Arthur foi batizado em 29 de abril de 1929; foi crismado em 1º de maio de 1938. Fez o Noviciado em Pindamonhangaba, em 1946. Sua primeira profissão foi em 1947, no dia 31 de janeiro. Fez o pós-noviciado em Lorena, de 1947 a 1949. Fez o tirocínio no Rio de Janeiro (1950); em Goiânia (1951); em Silvânia (1952). Iniciou o curso de Teologia, na Lapa, em 1953. Interrompeu o curso. Retornou em 1958. Foi ordenado sacerdote no santuário do Sagrado Coração de Jesus, em São Paulo, por Dom Camilo Faresin, no dia 8 de dezembro de 1960.

### **MENSAGEM DE DOM TARCÍSIO SCARAMUSSA**

Caríssimo Pe. Orestes, manifesto-lhe e aos Salesianos da ISJB meu pesar pela morte do Pe. Arthur e envio meu abraço fraterno e solidário. Na oração, agradeço a Deus a vida deste nosso irmão, cuja vida em comunidade e trabalho partilhei durante muitos anos, em Belo Horizonte, pedindo ao Senhor que o acolha no Reino da glória.

A luz perpétua o ilumine, descanse em paz.

***“Escrever a própria história não é fácil. Aparecem tantos sins e nãoos, tantas aberturas e tantos fechamentos, que você não sabe a que se apegar” (Pe. Arthur).***

Pe. Arthur viveu profundamente esta experiência. Entre os muitos “sins” e os muitos “nãoos”; encontrando muitas portas abertas e muitas fechadas, ele marcou a sua história, como na fábula do pote rachado que, através de sua rachadura, fez surgir muitas flores lindas que ornaram e embelezaram a mesa do senhor do moço que o carregava.

Um salesiano de nossa Inspetoria, muito conceituado, afirmou sobre o Pe. Arthur: *“Vejo, com pesar, que, para os mais novos, a imagem do Pe. Arthur que lhes fica na mente talvez seja a de um homem irritadiço, que só sabe ‘dar bronca’. É que, às vezes, só valorizamos uma pessoa quando já é tarde. Tenho plena confiança que o Pe. Arthur já está na casa do Pai, sem bronca”.*

Dom Tarcísio Scaramussa, que contava com sua eficiência e dedicação como secretário inspetorial, destaca a sua franqueza: não deixava de expressar o que pensava e sentia. *“A vida comunitária religiosa nos permite vivenciar a convivência com irmãos que nunca são iguais uns aos outros (...) Há irmãos que são bem mais diferentes. E entre estes eu incluo o Pe. Arthur”.*

**N**a sua infância, ele sempre falava de seu desejo de ser padre, por inspiração da vida piedosa de sua mãe, **Georgina**, que, apesar do muito serviço em casa, frequentava muito a Igreja, visto ter sido aluna das irmãs em Mariana.

Nunca tinha ouvido falar em salesiano, apesar de todos os seus tios terem o rótulo de “salesianos”, pois todos estudaram, como alunos internos, na escola salesiana de Cachoeira do Campo, para cursarem o ginásio. Esta situação familiar foi o motivo que levou o menino Arthur a conhecer os salesianos, segundo suas próprias palavras: *“(...) Este, creio eu, foi o principal motivo de ‘Salesianidade’ da minha vida, desde 1940”.*

Narra ele que, ao terminar seu curso primário, começou a falar em ser padre. Ao ouvir sua conversa, um dos seus tios, Geraldo, ex-aluno do Colégio Dom Bosco de Cachoeira do Campo, o levou para São João del Rei. Lá ele chegou num domingo de dezembro de 1940. Era o segundo domingo do mês. Pe. Francisco Gonçalves recebeu seu tio, conversou com ele e acolheu o menino Arthur no aspirantado. E aí tudo começou, relata o Pe. Arthur.

A partir de São João del Rei, ele começou seus estudos e sua formação salesiana. Daí mudou-se para Lavrinhas, S. Paulo, para continuar seus estudos, ginásio, científico... A partir de então, foi construindo um currículo riquíssimo: Filosofia, Pedagogia. Fez graduação em Pedagogia- Administração Escolar; em Letras, destacando-se o Inglês, língua a que se dedicou bastante, com um curso (Methodology), na Embaixada dos Estados Unidos da América, em Belo Horizonte; participou de Seminário para professores de Inglês promovido pelo ICBEU; fez curso nos EUA, na Universidade de Michigan; na Univer-

sidade de S. Francisco, Califórnia. Teve diploma de Curso de Inglês – Regent Institute – London. Fez também curso de língua Hebraica na Universidade Católica de Belo Horizonte.

Em suas atividades acadêmicas, foi professor de Inglês, Matemática, Desenho, Canto Orfeônico, Espanhol. Falava, lia e escrevia em Inglês, Italiano e Espanhol. Lia e escrevia Alemão, Hebraico, Latim, Grego Clássico. Estudou Russo. Dedicava-se também à música.

**P**e. Arthur sublinha, em suas memórias, alguns tópicos que merecem ser registrados na sua carta mortuária. Ele relata que quando terminou o estudo de segundo grau, passou a ser professor até o final dos estudos na Universidade. São palavras textuais suas, ao falar do colégio de Vitória: *“Depois assumi também os cargos direcionais. Como era inteligente, fui nomeado diretor das maiores escolas entre as quais esta de Vitória. Vim para cá e comecei a trabalhar como diretor, fazendo todo o possível para aumentar o número de alunos, que aumentava à medida que passavam na espécie de “vestibular” preparado para eles. Os alunos aumentaram tanto que, um dia, escrevi ao meu ex-professor da Universidade de S. Francisco, na Califórnia. Este me respondeu ‘how can you do justice to so many students?’*

Ele continua informando que passou por todos os grandes colégios, como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Goiânia, Silvânia, Niterói, São João del Rei, Ponte Nova.

Disse ele que, no início de 1974, o Pe. Carrara o convidou para ir para Vitória. Partiu de Belo Horizonte e lá chegou em março de 1974. *“Esperava que a acolhida fosse grandiosa; mas, infelizmente, alguém fez uma campanha contra. Deste modo, a alegria transformou-se logo em pesadelo”. Apesar do pesadelo, ele conseguiu formar um grupo de técnicos interessados e conclui: “tudo logo começou a funcionar perfeitamente”.*

A narrativa dele continua engrandecendo a história do colégio salesiano de Vitória: *“(...) o número de alunos cresceu abundantemente. Muitos brilhavam à noite que era a hora dos estudos e daí apareceram grandes nomes de estudantes e esportistas, entre os quais os que mais brilharam logo se candidataram como políticos. Entre estes, brilhou essencialmente um que foi logo eleito como governador por bem quatro vezes...”*

Sempre se caracterizou pela coragem e franqueza. Desde cedo demonstrava este viés. Isto o impelia a nunca deixar de expressar o que pensava, o que sentia, sem medo do que viesse pela frente. Do seu primeiro ano de teologia, na Lapa, ele narra um episódio que marcou muito a formação dos salesianos mais antigos da Inspetoria. Não havia “lava jato” naquele tempo, mas os “delatores” não eram nenhuma novidade. Narra ele que, uma noite, no dormitório, tamborilou uma latinha de graxa por alguns segundos. No dia seguinte, pela manhã, o Diretor o chamou para fazer o colóquio que então se chamava

rendiconto. Conta o Pe. Arthur: *“Conversa vai, conversa vem, tudo muito bom etc., etc. E no fim ele saiu com essa: ‘E aquela latinha que você bateu ontem no dormitório?’* O então estudante de primeiro ano de teologia ficou furioso e saiu gritando CANANEU, CANANEU. Ao lhe perguntarem o porquê, ele explicou detalhadamente e o termo pegou. *“E muitíssimos foram os cananeus que infestaram a seara do Senhor”*.

Assim ele conclui comentando o episódio: *“Fica aqui bem explícito que nada mais fiz de errado. Não arrombei portas. Não coloquei areia nas fechaduras. Não amarrei campainhas nos espanadores para usar durante as horas de estudo. Não promovi a ‘Festa dos doutores em Hebraico’, embora dela tenha participado por se referir à minha turma. Não usava o telefone interno para incomodar o ‘baixinho’. Não matei a Catarina do Pe. Jacuzzi. Poderia citar os nomes de todos os autores destas semelhantes falcatruas, mas não sou cananeu (...)”*.

E a história do manduca...? Dá para rir muito. Vamos narrar com as próprias palavras do Pe. Arthur. *“Eu era organista. No aniversário do colega ‘Manduca’, Paulo Moreira da Cruz, pediram-me o Daniel Bissoli e sua malfadada trupe para entoar cantos em que aparecia a palavra MANDUCA. Assim na missa entoei o ‘Qui manducat’. Na bênção, entoei o ‘Caro mea’. O ‘Manduca’ ficou bravo e queixou-se aos superiores. De fato eu estava errado, mas não tanto, a ponto de dizerem que não tinha espírito eclesialístico. Dizem as más línguas que entoei um tal de ‘Nigra sum sed formosa’ para mexer com o Nego Bartola. Mentira. Eu gostava muito dele”*.

O Manduca era o Pe. Paulo M. Cruz. Abandonou a vida religiosa e o sacerdócio; casou-se e faleceu afogado no Espírito Santo, na praia, ao tentar salvar sua filha que estava se afogando. Bartola era o padre Bartolomeu Almeida, muito alegre e brincalhão; viera do Recife para lecionar Sistemática (Teologia Dogmática naquele tempo).

Há muitos episódios interessantes narrados em suas memórias que ele mesmo escreveu. Ele conta que pelos idos de 1963, trabalhava em Ponte Nova. *“O Dudu era ecônomo do Colégio Dom Helvécio e gostava muito de mimar gatos, dizendo que eles pegavam os ratos da dispensa. Assim, todos os dias, ele levava uma tigela de leite, colocando-a sobre a mesa do seu escritório, para seus estimados gatinhos se alimentarem.*

*Acontece que os gatos estavam aumentando muito e se aninhando nas dependências do internato. (...)”* Ele continua a narrativa falando de um movimento “estricnina”... Passaram a noite cortando pedacinhos de pão e colocando em seu miolo umas graminhas da fatídica droga assassina. E continua narrando: *“Eis senão quando, aparece um faxineiro (Girundi) com um revólver e ofereceu-me para dar um tiro. Não neguei. Era a primeira vez. E pumba!!!*

*No dia seguinte os gatos apareceram todos mortos. Horrível carnificina! O Dudu quase morreu de tristeza. (...)*

A culpa recaiu sobre ele. Diziam que tinham visto o Pe. Arthur dar um tiro na véspera. *E a notícia correu: Pe. Arthur matou os gatos do Dudu. Diz o Pe. Arthur: "a notícia não só correu, mas voou. Chegou até ao Pe. Inspetor. Este, pressurosamente escreveu ao assassino uma carta, dizendo que não deveria ter feito semelhante façanha.*

*Mais uma grande mentira! Como poderia eu, com um só tiro, matar nove gatos? Façam experiência."*

Pe. Arthur termina a história informando que, mais tarde, num almoço na Casa Inspetorial, foi revelada a verdadeira história, mas o Dudu não estava presente.

**T***g 5, 10-11: Tomai, irmãos, por modelo no suportar os males e os trabalhos, e na paciência, os profetas, que falaram em nome do Senhor. Vede que proclamamos bem-aventurados aqueles que sofreram. Vós ouvistes falar da paciência de Jó e vistes o fim do Senhor, porque o Senhor é misericordioso e compassivo.*

O livro de Jó, um dos mais belos poemas da literatura mundial, é um tema apaixonante, drama, ao mesmo tempo, profundamente humano e divinamente sublime. Nele encontramos um Jó paciente e resignado; um Jó queixoso e agressivo.

Jó: este nome significa odiado ou reverente. Com a permissão de Deus, foi terrivelmente experimentado por Satanás. Suas provações foram alvo de discussões entre ele e alguns amigos. Jó, muito sábio, se submete a Deus que lhe muda a sorte, conforme Tg 5, 10-11. Segundo a teologia do livro de Jó, o comportamento correto diante do sofrimento é o silêncio. Segundo

Schönberger, "as respostas às causas do sofrimento não são crítica a um antropocentrismo fechado em si próprio; o sofrimento é por culpa, faz parte do ser humano, é forma divina de educar e disciplinar e é aperfeiçoamento da fé dos servos de Deus".

Pe. Arthur tinha um humor afiadíssimo, debochado e gozador. Seu amor pelo embate e pelo enfrentamento o prejudicou bastante. Gostava de estar no centro das atenções – é o que se pode ver nos depoimentos, no final desta carta mortuária.

Pe. Arthur tinha tantas qualidades... mas a descrição de sua personalidade que acabamos de ver nos faz vê-lo incompreendido, acusado, evitado, talvez desprezado... Por várias vezes, ele se defende e mostra sua posição: *"Eu sempre combati tenazmente os fofoqueiros, as fofoqueiras e coordenadores que mandam e desmandam na comunidade mais do que os padres"*.

Sentindo o peso da calúnia e incompreensão a que foi submetido, ele afirmou que escreveria um livro intitulado **Jo 2**. Dizia: *"O futuro o lerá. Acrescentarei*

*também essas páginas*". Trata-se de uma parte de suas memórias, que ele intitula **Apêndice ao Segundo Livro de Jó**.

Ele manifesta sua tristeza e seu desejo de morrer logo. Cita S. Paulo: *Cupio dissolvi et esse cum Christo*. Cita também uma música mexicana: *Y desde aquel instante mi gusto era morir; y desde aquel instante no puedo ya vivir*.

Escrevendo ao Inspetor, ele desabafa: ***Por que tanta infelicidade tem caído sobre este pobre Jó 2? Aliás, tudo será escrito no meu livro intitulado Jó 2. O futuro o lerá.***

Fala também da sua preocupação em não dar trabalho para a Inspetoria. Está fazendo fisioterapia todos os dias, já consultara dois médicos: "Isto para que a Inspetoria não venha a gastar dinheiro com minhas doenças. Quero morrer rapidamente, sem muito sofrer e sem muitos gastos com médicos e hospitais".

*(...) Não importa o que os outros pensam ou digam de nós. O que verdadeiramente importa é aquilo que realmente somos. Tenha sua consciência tranquila, mesmo que seja condenado. Não se esqueça de que JESUS foi condenado, e Herodes foi o vencedor momentâneo. Mas responda: qual dos dois foi verdadeiramente o vencedor? Quid sum ego tunc dicturus, Quem patronum rogaturus, Cum vix justus sis securus?*

*"Os irmãos sabiam explorar suas características para a alegria da comunidade e do Pe. Arthur, em particular. Sim, porque ele gostava de estar no centro das atenções e entrava na brincadeira..."*

Muita gente se lembra dos nossos encontros nos quais se achava também o Pe. Arthur. Entoava-se um refrão, parodiando o canto de aclamação da Ir. M. Kolling: – O amigo bom e fiel. E a farra era completa, com certeza dando muito prazer ao Pe. Arthur que se sentia aceito pelos irmãos na vida comunitária. Interessante é que ele compôs, em cima desta brincadeira, uma paródia com vinte estrofes, em forma de dístico. A seguir, vão algumas das vinte estrofes, sempre precedidas do refrão: ***Um amigo bom e fiel / Arthur Roscoe Daniel***

1. *Quem olhar o Arthur sem preconceito / Logo verá que ele é um bom sujeito.*
2. *Fez os seus estudos lá na Lapa, / Mas não os pôde concluir numa só etapa.*
3. *Tem os seus diplomas nos States; / E só por isso em São João não foram aceites.*
4. *Para aumentar a sua glória, / O Inspetor o mandou para Vitória.*
7. *Foi dar com costados no Liceu: / De lá o Duque o mandou pro Coliseu.*
8. *Lá ele entrou na permanente". / Se converteu e ficou muito contente.*
9. *Ao voltar porém pra Inspetoria, / o Inspetor rejeitou sua teoria. (...)*

**P**e. Arthur tinha um carinho muito especial para com as crianças, especialmente coroinhas. Este carinho era correspondido. Pe. Arthur cita, em seu **Apêndice ao Segundo Livro de Jó**, cartas e bilhetes recebidos dos coroinhas. Ele transcreve alguns, pelo menos catorze. Citamos aqui alguns trechos.

*(...) Pe. Arthur, você é muito especial para nós... (...) Nós, os coroinhas, gostamos muito do senhor e não queremos que vá embora e se esqueça de nós... (...) Padre, eu gosto muito de você porque você é muito bom e generoso... (...) Guardaremos em nossa memória e no coração os seus bons ensinamentos ... (...) Fico orgulhoso de você ser um padre gentil, carinhoso, amigo e legal... (...) Lembre-se que a distância pode causar uma dor, mas nunca destruir um grande amor... (...) Muito obrigado pelo esforço e dedicação com a nossa igreja, pelo altar e pelos anos que ficou com a gente... (...) Você é o melhor padre que eu já conheci... (...) Você é um grande amigo... estou sentindo muito a sua falta...agradeço o amor que você tem por mim e pela comunidade.*

## DEPOIMENTOS

### **DOM TARCÍSIO SCARAMUSSA**

Minhas recordações do Pe. Arthur!

A vida comunitária religiosa nos permite vivenciar a convivência com irmãos que nunca são iguais uns aos outros. Mas, às vezes, há irmãos que são bem mais diferentes. E entre estes, incluo o Pe. Arthur. A vida comunitária não se torna mais difícil por isso, apenas exige que compreendamos a conviver com ele de forma fraterna.

Nesta perspectiva, nos muitos anos de vida em comunidade com Pe. Arthur, aprendi também com os irmãos como viver essa diferença, e até como ela pode ser muito agradável e até divertida na comunidade. É preciso, naturalmente, encontrar o ponto certo no relacionamento com as diferenças de cada um, respeitando o irmão.

Assim, Pe. Arthur, que manifestava grande capacidade intelectual para tantas realidades e também para o trabalho, seja o de Secretaria, como o de traduções, às vezes demonstrava também menor capacidade emocional, no sentido de reagir tão primariamente como uma criança diante de certas situações. Não raro, se tornou "vítima" dos irmãos (do Mesquita, de modo especial), que sabiam explorar suas características para a alegria da comunidade e do Pe. Arthur, em particular. Sim, porque ele gostava de estar no centro das atenções e entrava na brincadeira, seja contrapondo com argumentos de rebate, seja apontando também suas críticas a quem o cutucava. A habilidade dos

irmãos sabia explorar o direcionamento das setas (Pe. Jurandyr que o diga, ou o Pe. Dário, ou os irmãos Caliman!). Imagino que ele se sentiu bem no maior tempo de vida na comunidade, porque se sentiu aceito pelos irmãos.

Foi secretário da Inspetoria e do Conselho Inspetorial, quando fui Inspetor. Sempre dedicado e eficiente e colaborador disponível. A presença nos momentos de oração e em outros momentos da vida comunitária era outra de suas qualidades. Ainda a destacar, certamente, é sua franqueza, pois não deixava de expressar o que pensava e sentia.

Agora, pedimos ao Senhor que o acolha na glória. De nossa parte, agradecemos a Deus os irmãos que nos dá em nossa vida comunitária, porque podemos encontrar em todos e em cada um, expressões de seu amor infinito.

### **PE. NILSON FARIA**

---

Era um musicista apreciado, possuía uma senhora caligrafia. Conhecia muito bem a língua inglesa e também a nossa língua portuguesa. Fez várias traduções (material da Congregação) do italiano e do inglês para o português. Era um sujeito prendado. Quando estudei na Faculdade Dom Bosco (SJDR), ele lecionava História da Educação e também língua inglesa e Literatura.

### **PE. WILTON MAGNO**

---

Amor pelo Conhecimento e pelo Combate

Pe. Arthur Roscoe Daniel e eu compartilhamos juntos vários anos de vida consagrada salesiana; daí a necessidade de dar o meu testemunho.

Ele era um homem culto, clássico, inteligente, exímio tradutor, conhecedor de línguas estrangeiras e amante das flores, especialmente, as orquídeas. Apesar do seu notório gênio forte, nós éramos grandes amigos. A causa do seu isolamento é um daqueles mistérios insondáveis. O seu amor pelo embate e pelo enfrentamento o prejudicou bastante.

Ele corrigiu a minha gramática uma única vez. Durante uma celebração Eucarística, eu pronunciei a palavra *odre* com O aberto. Da assembleia litúrgica, ele se levantou e disse: - é *odre* com O fechado, ignorante. Eu agradei com um muito obrigado e nunca mais errei a pronúncia.

Da janela da casa do Pai, Pe. Arthur vela por nós.

### **PE. GERALDO CALIMAN**

---

O Pe. Arthur traduziu dois livros para mim, do italiano para o português. Ele era muito prestativo neste sentido. Ele traduziu, em 1998, o livro "Desafio, Riscos e Desvios" que hoje é considerado fundamento da Pedagogia Social do Brasil, juntamente com o livro da Professora Maria Stella Graciani (PUC – SP).

O outro, traduzido em 2013, se chama “Pedagogia da Alteridade”, uma pedagogia social aplicada aos contextos de migração.

E além de uma cultura sólida e profunda, ele, uma vez, aceita a empreitada de uma tradução, às vezes longa, levava até o fim, mesmo com sacrifícios.

E viva o Pe. Arthur, agora num cantinho do jardim salesiano, no paraíso.

## **DIÁCONO ALESSANDRO FALEIRO MARQUES**

---

### **Mensagem pelo falecimento do Pe. Arthur Roscoe**

Ao saber do falecimento do padre Arthur, não tive como deixar de expressar a religiosos e educadores da Inspetoria São João Bosco e a toda a Família Salesiana os meus sentimentos. Sou revisor de textos e redator, e devo muito do que sei também a esse religioso. Tínhamos algumas coisas em comum, entre elas o gosto pelas Letras e o aniversário no mesmo dia. Eu, nascido décadas depois do Pe. Arthur, dizia-lhe que ele era invejoso por ter vindo ao mundo no mesmo dia que eu. Ele ouvia meu comentário provocador, respirava por alguns segundos, fazia rápidos cálculos e me devolvia com os clássicos e ácidos “elogios”. Para mim, era uma festa! Em toda a minha carreira profissional, digo que os únicos textos nos quais não encontrei um erro sequer foram os do Pe. Arthur. Certa vez, peguei um relatório assinado por ele. Era longo... Li, reli, reli, reli... E nada! Nem um pinga fora de lugar. Fabuloso! Uma aula! Que Nosso Senhor o receba no Reino e afague o coração daquele “adolescente rebelde”.

## **IR. CLEDSON M. RODRIGUES**

---

Ontem à noite, quando recebi o comunicado do senhor sobre o falecimento do P. Arthur, fiquei profundamente sentido. Padre Arthur foi um dos poucos amigos que eu tinha na Inspetoria! Homem simples, inteligentíssimo e de um humor elevadíssimo. Sempre com seu vocabulário erudito com uma ardente pitada de sarcasmo. Ele foi desses que nunca levavam desaforo para casa; falava o que pensava; às vezes, bruto igual a uma porteira; espertíssimo no que lhe convinha; adorava chamar à atenção; adorava ser mimado; chato para ser o centro das atenções; bem mineirinho quando isso lhe traria benefícios; às vezes um adolescente rebelde; “um menino nascido há mais tempo”; sempre reclamando da vida, das coisas e pessoas, mas sempre com uma fisionomia boa, debochada... Enfim, por fora, um bruto; por dentro, um menino.

Padre Arthur foi para mim um amigo, companheiro, conselheiro e nunca me aborreceu, embora, por várias vezes, fui “elogiado” de canalha, vagabundo... “Maldito o homem que confia no homem, e eu confiei nesse canalha”, dizia-me em suas cartas, por eu não devolver seu litro de cachaça Havana que deveria custar quase mil reais. Quando eu lhe dizia que havia deixado que o

Pe. Jacy Cogo cuidasse da cachaça dele, ele gritava em bom tom: “Seu vagabundo! Deixar o Jacy tomando conta da minha pinga é como deixar o gambá cuidando do galinheiro...Não vai sobrar nada, nada! Você é um canalha!”

Certa vez, o Arthur fez um escândalo na comunidade do Colégio Dom Bosco de Brasília, gritando nos corredores e xingando o diretor na época, o padre Geraldo Caliman. Eu me aproximei do Arthur e disse que ele gostava de fazer escândalo perto dos outros, porque ele tinha atitude de adolescente rebelde que queria atenção. Ele deu uma forte gargalhada e fez gestos com as mãos para eu falar baixo, para os outros não descobrirem a artimanha.

Dizia o grande poeta chileno Pablo Neruda (1904-1973): “Criança que não brinca não é criança, mas o homem que não brinca perdeu para sempre a criança que vivia nele e que lhe fará muita falta”. Acredito que o padre Arthur foi essa criança nascida há mais tempo, sempre com seu humor afiadíssimo, debochado e gozador. Ele, erudito e irônico, nunca deixou de ser criança. Que Dom Bosco o acolha no céu, em seu jardim salesiano, esse padre, amigo e irmão de quem eu gostava muito.

*“Lembro bem a figura do Arthur, inteligente, estudioso, alegre (ma non troppo), de procedimento exemplar sem querer destacar-se no grupo”.*

## **PE. W. GRUEN**

---

Convivi com o Pe. Arthur por vários anos e sempre com ótimo relacionamento.

Inicialmente, de 1947 a 1949, em Lorena, SP. A nossa Inspeção acabava de ser separada da de São Paulo. Ficou resolvido que, para a Filosofia, alguns “paulistas” cuja família ficava muito perto de Lorena iriam para São João del Rei, e alguns “mineiros” com família perto de São João ficariam em Lorena—entre eles, o Arthur. O assistente era o clérigo Mário Quilici, “paulista”. O Arthur estava começando o curso de Filosofia, eu o tirocínio. Devido ao grande número de vocações, as turmas de “filósofos” eram numerosas; mas vários desses jovens não demoraram a mostrar que não tinham vocação para a vida religiosa: mesmo poucos meses depois de terminarem o noviciado, já voltavam para a casa dos pais, alguns mesmo sem esperar a dispensa dos votos. Vida e atividade eram normais, mas o clima era de crise. A estratégia dos formadores (com exceção do clérigo Quilici), de sermos rigorosos, exigentes, não dava certo.

Nesse clima, lembro bem a figura do Arthur. Inteligente, estudioso, alegre (ma non troppo), de procedimento exemplar sem querer destacar-se no grupo. Tocava bem piano e harmônio; tinha facilidade para línguas clássicas e modernas; distinguia-se pela escrita clara, bonita, também do grego (e, mais tarde, do hebraico). Ainda não havia o xerox. Por isso, quando precisava de tirar cópias de textos em grego (uma das disciplinas que eu lecionava), eu pedia ao Arthur que preparasse o material; a mesma coisa para copiar parti-

turas e cantos – era como se estivessem impressos. O Arthur gostava desses serviços extra, apesar de sacrificarem seu tempo disponível para o estudo; nunca reclamou.

Quando fui para a Teologia (Lapa, 1950-1953), voltamos a nos encontrar: eu no 4º ano, ele no 1º. Dessa vez, o talento que se destacava era a música: era um dos designados para acompanhar os cantos na capela, e fazia isso com competência e alma.

De 1968 a 1972, estivemos juntos em São João del Rei, mas não tenho lembranças especiais dele naquele período. Quase o mesmo devo dizer de suas estadas em Belo Horizonte. Lembro-me bem do curso de língua hebraica (Ivrit), na PUC Minas, cinco semestres, de 1984 a 1986, oferecido por professora israelense, muito competente; inscreveram-se mais de cinquenta alunos, inclusive nós dois padres; quase a metade desistiu no fim do primeiro semestre; só terminamos seis, entre eles os dois padres sexagenários. Na minha opinião, o melhor aluno foi o Arthur, que mais tarde ainda repassava algumas daquelas lições. Sei que ele passou algum tempo nos Estados Unidos, acho que foi a pedido de lá, para atender pastoralmente uma numerosa colônia brasileira. Não me lembro de ter ouvido dele comentários sobre essa experiência.

No começo do milênio, sei que o Arthur, trabalhando em Belo Horizonte, na casa inspetorial, ajudava também na nossa paróquia Cristo Luz dos Povos. A essa altura, porém, já não era o mesmo. Frequentemente mostrava-se mal-humorado, impaciente, corrigindo detalhes até no meio da oração ou da missa – em casa e na paróquia. E no entanto, nunca implicou comigo; pelo contrário, conversávamos tranquilamente. Certa vez, viajando de carona com ele, com muito jeito toquei no assunto da saúde: perguntei se ele não achava conveniente consultar um médico ou psicólogo; ele concordou, mas nunca tomou essa medida. Eu atribuo a atenção com que me tratava ao fato de eu sempre tê-lo valorizado, ter confiado nele, desde os tempos de Lorena. Ainda há poucos meses, vendo que ele não estava sendo exigido para nada, disse-lhe que o Ensino Religioso na Escola, com as profundas mudanças culturais das últimas décadas, estava precisando de um glossário dos termos específicos desse ensino; que eu até já começara a fazer um lista de tais termos. Perguntei se estava disposto a fazer um glossário assim. Ele aceitou sem mais; percebi que ele gostou. Poucas semanas depois, li que acabava de ser publicada uma obra desse tipo; concordamos que, primeiro, precisávamos ver o novo livro, e depois decidir se seria oportuno publicar mais um.

Vejo com pesar que, para os mais novos, a imagem do Pe. Arthur que lhes fica na mente talvez seja a de um homem irritadiço, que só sabe ‘dar bronca’. É que, às vezes, só valorizamos uma pessoa quando já é tarde. Tenho plena confiança que o Pe. Arthur já está na casa do Pai, sem bronca.

**A** comunidade ampara com mais intensa caridade e oração o irmão gravemente enfermo. Quando chega a hora de dar à sua vida consagrada o remate supremo, os irmãos o ajudam a participar com plenitude da Páscoa de Cristo. (C 54 ). Dom Tarcísio nos chama à atenção para a necessidade de encontrar o ponto certo no relacionamento com as diferenças, respeitando o irmão.

Pe. Arthur marcou sua história nas obras por onde passou com a eficiência do seu trabalho, especialmente como professor, como secretário inspetorial. Muitos bilhetes e cartas de crianças comprovam seu carinho especial para com elas, especialmente os coroinhas. Isto o aproxima da espiritualidade de S. Filipe Neri no qual Dom Bosco se inspirou. No seu panegírico deste grande amigo das crianças e dos jovens, Dom Bosco afirma: “Alguém dirá que S. Filipe fez essas maravilhas porque era um santo. Eu digo de modo diferente: Filipe fez essas maravilhas porque era um sacerdote que correspondia ao espírito de sua vocação. Quem de nós não pode reunir algumas crianças, oferecer-lhes um pouco de catecismo numa casa ou na igreja, se fosse o caso também no canto de uma praça ou numa rua, e ali instruí-las na fé, incentivá-las confessar-se e, quando necessário, ouvi-las em confissão?” (Pe. Buccellato – Espiritualidade de D. Bosco).

Podemos dizer que Pe. Arthur foi este sacerdote de que fala Dom Bosco no seu panegírico – correspondia ao espírito de sua vocação. Foi mal compreendido um bom número de vezes; pode não ter sido valorizado como se deveria. Por isto se sentiu um segundo Jó. Sentiu que não é fácil escrever a própria história. Sentiu os “sins” e sentiu os “nãos” que foram muitos. Encontrou “aberturas” e “fechamentos” que também foram muitos. Nos seus “nãos” e nos seus “fechamentos”... sentiu ardente sua esperança: “Quem me dera que o Onipotente escutasse meus desejos” (Jó 31,35). Nos seus “sins” e nas “aberturas”... “Então o Senhor falou a Jó, do seio da tempestade” (Jó 38,1).

Hoje, na casa do Pai, Pe. Arthur não vê mais “fechamentos e não”, porém, “sins e aberturas” em abundância e eternamente... “E o Senhor deu-lhe o duplo de tudo o que ele antes possuía” (Jó 42,10).

Pe. Geraldo Martins Lisboa, SDB.

## **DADOS PARA O NECROLÓGIO:**

**Pe. Arthur Roscoe Daniel, SDB**

**Nascimento:** 15/02/1929 – Belo Horizonte-MG

**Primeira Profissão:** 31/01/1947

**Profissão Perpétua:** 31/01/1953

**Ordenação Sacerdotal:** 08/12/1960

**Falecimento:** 28/11/2017 – Belo Horizonte-MG

**88 anos e 9 meses de idade / 70 de vida religiosa salesiana.**